

O jornalismo como instrumento de resistência

Journalism as resistance instrument

Periodismo como instrumento de resistencia

Recebido em: 01/10/2019

Aceito em: 10/10/2019

APRESENTAÇÃO

O professor João José Figueira, da Universidade de Coimbra, esteve no dia 11 de setembro, em Ponta Grossa (PR), para proferir aula inaugural "Jornalismo Regional: dilemas e desafios contemporâneos" para os cursos de mestrado e graduação em jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Após a palestra, ele conversou com Guilherme Carvalho e Marcelo Engel Bronosky sobre o cenário atual do jornalismo. Segundo ele, diante de condições tão adversas à profissão, as escolas de jornalismo devem assumir um papel protagonista em favor da qualidade por meio de projetos práticos que possam oferecer alternativas para a sociedade. Até 2006, altura em que passa a dedicar-se em exclusivo à vida acadêmica, foi jornalista em um dos principais jornais portugueses — Diário de Notícias — ao serviço do qual recebeu vários prêmios e distinções.

PRESENTATION

Professor João José Figueira, from the University of Coimbra, was on September 11, in Ponta Grossa (PR), to deliver the inaugural class "Regional Journalism: Contemporary Dilemmas and Challenges" related to the Master and undergraduate course. Journalism at the Ponta Grossa State University (UEPG). After the lecture, he spoke with Guilherme Carvalho and Marcelo Engel Bronosky about the current scenario of the journalism. According to him, in the face of conditions so adverse to profession, journalism schools should assume a protagonist role in favor of quality through practical projects that can offer alternatives to society. Until 2006, when he began to dedicate himself exclusively to academic life, he was a journalist in one of the leading Portuguese newspapers - Diário de Notícias - and received several awards and distinctions.

PRESENTACIÓN

El profesor João José Figueira, de la Universidad de Coimbra, estuvo el 11 de septiembre en Ponta Grossa (PR), para impartir la clase inaugural "Periodismo regional: dilemas y desafíos contemporâneos" relacionada con el curso de maestría y pregrado. Periodismo en la Universidad Estatal de Ponta Grossa (UEPG). Después de la conferencia, habló con Guilherme Carvalho y Marcelo Engel Bronosky sobre el escenario actual del periodismo. Según él, ante condiciones tan adversas para la profesión, las escuelas de periodismo deben asumir un papel protagonista a favor de la calidad a través de proyectos prácticos que puedan ofrecer alternativas a la sociedad. Hasta 2006, cuando comenzó a dedicarse exclusivamente a la vida académica, fue periodista en uno de los principales periódicos portugueses, Diário de Notícias, y recibió varios premios y distinciones.



Guilherme Carvalho

Doutor, professor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e de graduação em jornalismo do Centro Universitário Internacional (Uninter).
guilhermegdecarvalho@gmail.com

Marcelo Engel Bronosky

Doutor, professor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo e da graduação em jornalismo da UEPG.
mebrono@gmail.com

Felipe Adam (transcrição)

Mestrando em Jornalismo pela UEPG.
felipeadam91@gmail.com

Quando analisamos as condições atuais dos jornalistas, de modo geral, observamos um processo de mudanças que incluem a realização de atividades que não são tradicionais do jornalismo. Como o senhor, que também atuou por muitos anos na imprensa portuguesa, percebe esse cenário? Podemos falar de um "novo jornalismo"? De um novo paradigma na área? Do fim do jornalismo?

Objetivamente, podemos falar de novas condições — e de um novo quadro — no exercício do jornalismo. O jornalista desempenha várias tarefas, digamos, que não é algo completamente novo. Eu costumo dizer que quando entrei no jornalismo, no início da década de 1980, ainda havia jornais no tempo do chumbo (matriz de impressão feita em chumbo fundido) e, portanto, havia profissões ligadas ao mundo da mídia que, com o decorrer dos anos, foram acabando. Mas se essas profissões acabaram, não quer dizer que tenha acabado aquilo que as pessoas faziam — as funções que eram necessárias fazer é que passaram a ser cumpridas de forma diferente, fruto das tecnologias que iam sendo introduzidas nos processos de produção dos jornais (mas também da rádio e da televisão). Ora, algumas dessas novas funções foram transferidas para a órbita de ação dos jornalistas e depois capturadas por eles. O que é novo é exigir-se que o jornalista, ao mesmo tempo e depressa, produza informação para diferentes plataformas, sem poder trabalhar, convenientemente, do ponto de vista jornalístico. Quando tal acontece — e como sabemos está a suceder a um ritmo preocupante — o valor acrescentado que a informação jornalística deve possuir desaparece. Contudo, é preciso dizer que tais práticas profissionais resultam de decisões ao nível da gestão das empresas e não de opções editoriais movidas pelo interesse em fazer melhor jornalismo. De resto, como se pode fazer mais e melhor jornalismo quando a tendência atual vai no sentido da diminuição crescente dos recursos humanos nas redações e, paradoxalmente, aumentam os fluxos e plataformas de informação nas mesmas empresas? Há que distinguir, definitivamente, os discursos da gestão e do jornalismo.

Essa realidade que o senhor está descrevendo, que não necessariamente guarda características novas diante de um jornalismo industrial do início do século XX, foi impactada por uma realidade neoliberal forte, a qual, é nova. Falar do jornalismo como base

liberal, ou seja, de uma relação comercial e situar ele dentro de um processo de transformação atual com características neoliberais não produz uma contradição com a possibilidade de novos arranjos que possam efetivamente produzir o jornalismo?

O que se passa é que, utilizando uma conhecida noção marxista, os proprietários dos meios de produção deixaram de ser os velhos industriais da mídia. Isto é, mesmo nesse tempo liberal do início do século XX, os donos da mídia tinham neste o seu principal negócio. Independentemente do respetivo perfil editorial, tinham um pacto com esse seu projeto. Hoje, com a financeirização da sociedade e com a diluição das empresas de mídia em grandes grupos econômicos, a lógica é muito diferente. E como o jornalismo perdeu a centralidade nos processos de decisão interna dessas empresas, tal significa que perdeu também o poder de afirmação da sua linguagem. Isto é, de poder afirmar e fazer valer os seus valores identitários. Não admira, assim, que as práticas profissionais a que me referia na resposta anterior, assim como os argumentos a favor das audiências, da rendibilidade, da instantaneidade, das sinergias de meios sejam hoje dominantes no interior das redações, quando tais conceitos e preocupações não faziam parte da linguagem jornalística. Importa, pois, como Moisés, fazer uma separação das águas: uma coisa é falar de qualidade da informação jornalística, outra de rendibilidade e gestão empresarial.

Sucedem que o jornalismo tem ido no engodo, tem assumido esse tipo de argumento falacioso e não tem — digo com tristeza — conseguido desmontá-lo.

O que me preocupa é que essa sociedade, que sempre foi objeto desse projeto neoliberal centralizado na mídia e que agora se pauta com a financeirização ou pela difusão e multiplicação de várias iniciativas - entre elas midiáticas -, tem interesse em jornalismo de qualidade. Parece que essa perspectiva de reconhecer o jornalismo como

Parece que essa perspectiva de reconhecer o jornalismo como algo diferenciado entre aquele que tem e aqueles que não tem qualidade, está longe desse conjunto liberal de interesse social.

algo diferenciado entre aqueles que tem e aqueles que não tem qualidade, está longe desse conjunto liberal de interesse social.

Seria interessante fazer uma análise de conteúdo e perceber, por exemplo, a informação produzida por alguns canais de informação que trabalham 24 horas. Mais: qual a presença do Entretenimento em canais que



Foto: Arquivo pessoal

se definem e apresentam como canais de notícias? Há uma captura crescente da Informação pelo Entretenimento? Será que tudo tem de ser espetacular, inclusive as notícias? O escritor Mario Vargas Llosa, em *A civilização do espetáculo*, discorre sobre alguns desses tópicos, dando-nos uma visão muito crítica, ácida e controversa sobre os valores predominantes não apenas na mídia, mas também na arte e na cultura contemporânea. Ou seja, o problema é muito mais amplo. Não se circunscreve à mídia ou ao jornalismo. Em última instância envolve-nos a todos, a mim, a vocês, aos cidadãos em geral. Por este motivo, o problema é bastante agudo e fundo. Dito isto, claro que existem projetos jornalísticos interessantes, que respeitam os públicos a que se dirigem, que fogem às lógicas anteriormente definidas. Mas são uma minoria. Diria que esse é um jornalismo de resistência, feito contra-a-corrente. E aqui emerge uma outra dificuldade, que tem que ver com a língua. Num contexto geral caracterizado pela falência do antigo modelo de subsistência do jornalismo como negócio, há que refletir e discutir também acerca da sobrevivência do jornalismo em língua não inglesa.

Então, professor, nesse cenário difícil para o jornalismo, para a profissão, qual o papel da academia?

Tem um papel difícil, ingrato. Precisa, desde logo, fazer aquilo que é a sua função primária: fomentar e desenvolver um espírito crítico nos alunos e proporcionar-lhes uma elevada formação cultural; em segundo lugar, tem que fazer uma diferenciação

das águas, ou seja, o jornalismo embora seja uma atividade da comunicação, tem especificidades e exigências próprias. É preciso explicar e aclarar isso. Finalmente, deveria, como venho defendendo há alguns anos, possuir uma dimensão oficial e laboratorial corporizada na criação de um medium feito e dirigido pelo próprio curso de jornalismo, cujo modelo, consoante os respectivos contextos e recursos, poderia assumir um perfil semelhante ao de uma agência de notícias ou de um órgão multimedia. Isto mesmo, aliás, proponho num artigo publicado há três ou quatro anos, intitulado, "O ensino do jornalismo em tempos de mudança ou como a Universidade deve suplantar o Super-Homem". Nele alerto para a necessidade estratégica e urgente de a Academia provar a relevância e o sentido mais profundo do que ensina, mostrando como o jornalismo de qualidade e sem cedências é imprescindível à boa saúde das sociedades democráticas. A criação e manutenção desse tal medium seria um passo importante, no sentido

Sozinha ou em parceria, o importante é os cursos serem capazes de criar os próprios medium para que os alunos possam trabalhar, exercitar e fazer um jornalismo de referência.

de pôr em causa as regras dominantes de um mercado que dita a forma e o conteúdo de uma parte significativa da informação que hoje se produz e veicula. A universidade, cujos princípios e parâ-

189

metros de atuação e de ensino não devem estar sujeitos nem dependentes dos gostos e influências voláteis do mercado, neste contexto, um papel insubstituível e de primeira grandeza no processo de renovação e reafirmação do jornalismo. É este comportamento e esta atitude pró-ativa, pedagógica e cívica, no sentido mais amplo, por parte da Academia, que venho defendendo. Claro que há que atender a cada realidade. Sozinha ou em parceria, o importante é os cursos serem capazes de *criar os próprios medium* para que os alunos possam trabalhar, exercitar e fazer um jornalismo de referência. Para mostrar à comunidade que aquilo que se ensina faz sentido, que conduz a um jornalismo diferente. Isso não apenas no sentido de como se escreve, filma ou grava, mas também na escolha dos temas, naquilo que constitui a respectiva Agenda notici-

osa. É fundamental trazer novas preocupações, novos temas, novos protagonistas, novas perspectivas, porque é com esta pluralidade de olhares e sentidos que todos nós sairemos a ganhar. Se a Academia conseguir fazer e mostrar isso, os alunos comprovarão que é possível e que vale a pena. Não é fácil, bem sei, mas entendo que é isso que a Academia deve fazer.

Tem alguma situação em que a gente possa se apoiar em relação à produção jornalística emanada dessas instituições?

O projeto levado a cabo pelo curso de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina no Brasil (onde o seu site de notícias foi o primeiro jornal online daquele Estado, evoluindo, depois, para uma agência de notícias multimedia supervisionada por professores e jornalistas) é um exemplo e a prova de que é possível ensinar, fazendo. Esta experiência, aliás, é resultado da observação que os professores brasileiros fizeram junto da Universidade da Flórida (EUA), cujo curso de jornalismo dispunha de um jornal comunitário, uma emissora de TV Educativa e de três rádios, um deles com uma vertente comercial. Independentemente dos exemplos que possam existir, importa dizer que cada realidade é um caso. Em última instância cabe à respectiva Academia ter a capacidade de perceber qual o seu papel e a sua responsabilidade no processo de formação para uma profissão em acelerada derrapagem e erosão.

190

A formação profissional em jornalismo é recente em Portugal. O senhor já citou alguns dos desafios, mas a gente pode dizer que essa distinção profissional é o principal desafio na formação profissional dos jornalistas?

Essa distinção é a marcação do território. As terminologias técnicas que antes eram só do jornalismo são hoje utilizadas por outras áreas profissionais; por outro lado, e infelizmente, a meu ver, o jornalismo adotou linguagens oriundas dos campos da gestão e do marketing, logo originariamente estranhas ao seu léxico. Acresce, ainda, que boa parte dos programas de entretenimento também têm os seus repórteres e fazem entrevistas — porém, não jornalísticas. Ora, esta erosão ou diluição de termos tem levado a uma confusão e perda de influência do jornalismo, que já não tem o exclusivo na discussão pública das matérias que constituem o quotidiano das cidades

ou do país. Parece, assim, que é tudo a mesma coisa, porque os dois campos utilizam expressões e rituais idênticos. Todavia, sabemos bem que o jornalismo tem exigências e regras que não estão contidas no Entretenimento, o qual goza, ainda, de uma presença e peso mediático mais fortes que a informação.

É possível dizer que, a partir do seu raciocínio, há uma singularidade que o jornalismo evoca que está sendo diluída por esse conjunto de mudanças? Como essa especificidade se expressa como forma de resistência?

Eu considero que o bom jornalismo é, cada vez mais, uma profissão da resistência porque é um trabalho que se realiza contra-a-corrente, que implica aprofundamento, insatisfação, curiosidade, capacidade crítica, capacidade de questionamento. Boa parte das vezes, como é sabido, o jornalista não dispõe de tempo nem de condições para fazer isso. (Atenção: a questão do tempo é tão antiga quanto o jornalismo. Em 1690, quando apresentou na Universidade de Leipzig a sua tese doutoral, Tobias Peucer já dizia que as notícias são relatos precipitados elaborados precipitadamente. Mais recentemente, o Professor Nelson Traquina afirmava que o jornalista vive e trabalha sob a lei da cronamentalidade).

A velocidade da informação esteve, pois, sempre presente. Faz parte da lógica do jornalismo, especialmente desde que passou a haver jornais diários. Agora, quando falo na informação atual que corresponde à espuma dos dias, o que eu quero dizer é que a presente ansiedade noticiosa obcecada pela instantaneidade, acaba por ser implacável para com a ideia de aprofundamento das matérias, para com a reconfirmação dos dados noticiados, pela procura de vozes alternativas, pela (im)possibilidade de procurar fazer diferente. Donde, a homogeneização dos formatos e da informação, logo, a visão que nos é dada do mundo, é mais pobre porque menos diversa e menos aprofundada e questionadora. Neste contexto e com esta forma de fazer jornalismo, ele deixa de ser rele-

**O jornalismo que não
acrescenta valor à
informação torna-se
irrelevante e
indiferenciado.
Desnecessário.**

vante. O jornalismo que não acrescenta valor à informação torna-se irrelevante e indiferenciado. Desnecessário. Em sentido contrário nasceu o movimento do *slow journalism*, um jornalismo pensado criticamente, feito com maiores níveis de exigência e destinado a cidadãos igualmente mais exigentes e insatisfeitos com a informação que o *mainstream* lhes dá.

Mas esse jornalismo não sobrevive principalmente em cenário de um projeto neoliberal que tenha contrapelo uma condição de imediato e eficiência como lógica?

Esse jornalismo não só está sobrevivendo, como está de boa saúde. Porém, é um jornalismo que responsabiliza o cidadão, porque vive exclusivamente dele e para ele. Alguns desses projetos que sigo com toda a atenção e admiração, como são os casos das revistas *Delayed Gratification* e *XXI*, ambas trimestrais e em papel, nem sequer admitem publicidade. Os seus estatutos editoriais proíbem a inserção de qualquer tipo de anúncio. O mesmo se passa com a revista semestral *6Mois*, inteiramente dedicada à fotorreportagem e que pertence ao grupo que edita a *XXI*. Ainda em França, o jornal *Le1*, um semanário fundado em 2014 em Paris, dedica cada número a um grande tema da atualidade, através dos olhares de escritores, filósofos, antropólogos, artistas e jornalistas. E também não aceita publicidade. Reparem: todos estes casos, entre outros que poderia referir, desmentem o pensamento dominante — são rentáveis e não precisam dos proventos oriundos da publicidade; são em papel e não possuem versões digitais; apostam no aprofundamento das matérias e na sua análise e não na informação precipitada e incompleta; estabelecem um contrato tácito de exigência e respeito com os seus leitores, dos quais dependem inteiramente. No online também há exemplos muito interessantes que vivem e crescem com o apoio empenhado dos respetivos públicos ou subscritores. Em Espanha, destaco os casos do *El diário.es* e *5W* e, na Colômbia, o *La Silla Vacía*. Excetuando o britânico *Delayed Gratification* propositadamente não referi exemplos em língua inglesa, para evidenciar que há muito mundo para além daquele que nos chega unicamente em inglês. Como professores é importante mostrar, discutir e divulgar entre os alunos estes exemplos, porque o mundo é muito diverso e plural e temos o dever ético e pedagógico de trazer para o espaço das aulas essa diversidade e estranheza.

Das iniciativas que eu tive contato, inclusive o Fumaça, que se enquadra numa perspectiva de jornalismo de resistência ou uma oferta de algo diferente, são projetos que, em geral, apresentam problemas muito sérios na pluralidade de informações. Não são veículos com diversidade de fontes e quando consulta as fontes oficiais, são as fontes que vão expor de uma maneira negativa o próprio poder público. Isso é mais jornalismo do que outros jornalismo como os realizado pela Folha de S.Paulo ou pelo Publica ou de outros veículos de referência, mas onde vai encontrar o direito ao contraditório?

Aí está um exemplo português que se insere na corrente de projetos jornalísticos que referi antes. Por outro lado, o Fumaça, goste-se ou não, tem uma transparência de processos ainda rara. Diz ao que vem, assume o seu posicionamento no mundo e face ao mundo e não corre atrás do primeiro *soubite*. Ou seja, não se esconde, como a maioria dos órgãos, atrás de uma falsa objetividade. Assume, desde logo e com toda a clareza no respectivo estatuto editorial, que é um veículo “progressista e dissidente”. Isto é, esclarece a partir de que ponto observa e pensa o mundo, ao mesmo tempo que se propõe fazer uma informação baseada em perspectivas, vozes e experiências de pessoas que a maior parte da mídia, por norma e regra, não ouve, nem procura. Acresce, ainda, que o jornal partilha com o seus leitores, dentro do tal pacto de transparência que eu falava há pouco, todas as informações sobre as suas contas, como gasta o dinheiro, quais as suas fontes de receita, etc. Pessoalmente, gostaria de ver essa transparência naqueles órgãos super-liberais, muito modernos e tecnológicos, sempre a clamar a sua independência, mas incapazes de publicar na respetiva ficha técnica quem são os respetivos acionistas e a que interesses e negócios estão ligados.

193

Mas o Fumaça faz jornalismo?

Claro que sim. Se o que faz não fosse jornalismo, que nome daríamos, então, ao trabalho que realiza? Eu arrisco dizer que se trata de jornalismo — e do bom! O Fumaça dedica-se, essencialmente, aos Géneros da Entrevista e da Reportagem, que faz com enorme competência. Com a vantagem de oferecer aos leitores perspectivas e estórias que não encontram em nenhum outro veículo. Percebo, no entanto, que por vezes se estranhe esta frontalidade e “dissidência” na forma de estar no mercado e de fazer

informação jornalística. Quando os seus críticos me questionam sobre o tipo — e objetividade — de jornalismo do Fumaça, ocorre-me sempre o argumento fácil e simplista de lhes lembrar que nunca vi um jornal de Economia olhar com simpatia para um sindicato e, todavia, não se põe em dúvida o jornalismo que pratica. O inverso também é verdadeiro, embora a situação não seja comparável, se nos referirmos ao jornalismo sindical.

Como um jornal de sindicato vai ser justo, como ele pode produzir jornalismo na noção de justiça e no ideal de equilíbrio, tratando os fatos apenas pelo ângulo da categoria e não pelo ângulo dos outros entes envolvidos no fato? Como ele pode atender as demandas de interesse público uma vez que ele atenderia as demandas de interesse específico da categoria? Colo aí a ideia do Schudson, que diferencia os jornais de informação e opinião ao final do século XIX.

Como falar de justiça e de equidade num contexto de relações desiguais e muitas vezes iníquas? O Direito do Trabalho foi criado, justamente, para procurar dar respostas a relações contratuais injustas e desiguais. Ou seja, para favorecer o mais fraco. Mauro Santayana, grande repórter brasileiro, costumava dizer que a injustiça contra o forte, embora detestável, como toda a injustiça, é melhor que a injustiça contra o fraco. Vivemos numa sociedade de conflitos de interesse e não devemos, pois, mitigar isso. Portanto, o jornalismo sindical existe para defender e veicular a visão do setor a que per-

... mais do que se discutir a equidade e justiça no exercício do jornalismo sindical, penso que se deveria debater a “espiral do silêncio” que se abate sobre determinados setores da sociedade.

tence. Aliás, se não for esse jornalismo, muitas vezes nunca haveria possibilidade de acedermos a determinadas informações dessa área de atividade, porque elas não interessam à generalidade da mídia. Não existe, pois, qualquer opacidade nos propósitos e razão

de ser de um jornalismo sindical — como de outros. De resto, mais do que se discutir a equidade e justiça no exercício do jornalismo sindical, penso que se deveria debater

a “espiral do silêncio” que se abate sobre determinados setores da sociedade. O silêncio é a forma mais objetiva de esquecimento.

E o método? O direito ao contraditório? Pegando um exemplo em relação ao aborto de um jornal com características cristãs, temos a Folha Universal, que trata o assunto do aborto pela matriz evangélica, mas que dá direito ao contraditório. Ou seja, opera numa matriz demarcada, numa produção que adota o método, não só a estética, forma, mas com características jornalísticas. Então, penso que produzir uma matéria num lead, não confere condições de predicados únicos e exclusivos para determinar condições de credibilidade. Por outro lado também é verdadeiro.

A questão do contraditório não resolve o problema. “Ah, fomos ouvir muitas pessoas, temos aqui várias posições...”, mas o problema está no espaço e no protagonismo que se dá a cada uma delas. Na dimensão subjetiva do olhar jornalístico. O cineasta francês Jean Luc Godart, numa célebre entrevista, dizia, ironicamente, a respeito da equidade de tratamento jornalístico, que a melhor prova disso seria dar cinco minutos de antena a uma vítima dos campos de concentração nazi e os mesmos cinco minutos ao seu torturador. O princípio do contraditório é uma metodologia que deve ser praticada, que pode, inclusive, sossegar algumas consciências, mas está longe de resolver o essencial. Ou seja, o jornalismo dificilmente pode resolver os dilemas e problemas que as diferentes instâncias e estruturas da sociedade são incapazes de solucionar. Subsiste, em síntese, essa tal dimensão subjetiva apoiada em factos, evidentemente, mas que, no fundo, compõe e contribui para uma leitura subjetivada do mundo. Um exemplo concreto: uma empresa vai despedir 300 operários e o foco da notícia é que a empresa vai ter de proceder a uma reestruturação no sentido de aumentar a competitividade e assim garantir a sua sobrevivência. Outro jornal pode dizer: “Trezentas pessoas vão para o desemprego” e centrar a sua estória no destino incerto e dramático daquelas pessoas. Ambas são verdadeiras, mas são maneiras diferentes de ver e entender o mundo.

Como o curso de jornalismo da Universidade de Coimbra se apresenta, adotando uma discussão mais generalista, humanista?

Nós tivemos, há quatro anos, uma reforma curricular, segundo a qual os alunos têm de fazer durante os três anos, um número determinado de cadeiras obrigatórias (específicas do jornalismo) e um diversificado conjunto de outras disciplinas à sua escolha, que complementam a sua formação.

Mas a formação generalista não contradiz uma necessidade maior pela especificidade da área ou da defesa de um campo científico autônomo do jornalismo como um mecanismo de definição dessa área?

O curso é de jornalismo e comunicação. Mas o jornalismo, no seu exercício quotidiano, não é um discurso sobre si próprio, isto é, ele fala acerca das diferentes áreas da vida das pessoas, dos governos e das organizações. Um jornalista trata de assuntos que falam sobre imigração, economia, turismo, saúde, educação, cultura, trabalho, etc. O jornalista tem de ser um profissional bem preparado para ser capaz de responder a todas essas exigências da profissão.

Que é muito mais que o domínio de uma técnica. Se um jornalista não entender o que ouviu, como vai ser capaz de elaborar um lead? Em Coimbra, procuramos, assim, fazer uma formação que seja consistente, do ponto de vista da escrita jornalística, da rádio, da multimídia, da televisão, mas em que as pessoas possam aplicar os conhecimentos culturais que vão adquirindo. Se for uma coisa fe-

chada, isso empobrece o jornalismo. Certa vez, entrevistado pelo *El País*, perguntaram a Eugenio Scalfari — co-fundador e primeiro diretor do jornal *La Repubblica* — o que era, para ele, um jornalista. A sua resposta, aparentemente simplista, diz tudo: “o jornalista é uma pessoa que conta às outras pessoas, histórias da vida das pessoas”. Uma delícia! No dia em que o jornalismo estiver desligado das vidas das pessoas, o jornalista deixou de fazer sentido e de fazer falta, o seu papel e a sua profissão passam à História.

Em Coimbra, procuramos, assim, fazer uma formação que seja consistente, do ponto de vista da escrita jornalística, da rádio, da multimídia, da televisão, mas em que as pessoas possam aplicar os conhecimentos culturais que vão adquirindo.